



URGE: O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO REFLEXÃO PARA A ARTE CONTEMPORÂNEA

Edilaine Regina da Cunha¹

RESUMO

O trabalho busca discorrer como o pensamento geográfico pode amparar a elaboração da obra de arte. A partir da produção do mestrado *Dispositivos para experiências em suportes móveis*, defendido em 2023 no Programa de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e com a introdução ao tema do doutorado *URGE*, corrente no mesmo programa de pós-graduação, o artigo demonstra aspectos de estudos do espaço e da técnica com o exemplo de obras decorrentes de diálogos interdisciplinares entre arte e geografia.

Palavras-chave: Artes visuais, urbanização, técnica.

ABSTRACT

The paper aims to discuss how geography can support the creation of artworks. Based on the master's research *Devices for Experiences on Mobile Supports*, presented in 2023 in the Visual Arts Program at the School of Communications and Arts of the University of São Paulo, and introducing the theme of the doctoral project *URGE*, currently in progress in the same graduate program, the article highlights aspects of the study of space and technique through examples of artworks resulting from interdisciplinary dialogues between art and geography.

Keywords: Visual arts, urbanization, technique.

INTRODUÇÃO

Os meios de transporte, como o automóvel, o avião e os trens de alta velocidade, nos permitem cruzar longas distâncias em frações de tempo inimagináveis no passado. No entanto, esses objetos parecem obsoletos quando olhamos para a velocidade da informação propagada pela internet. A evolução da técnica trouxe inúmeras possibilidades para a sociedade com refinadas operações, inclusive para conhecer outros mundos fora da Terra, e ao mesmo tempo, presenciamos populações muito perto de nós que vivem em condições precárias. E, como sociedade, não estamos ganhando muito, “as pessoas envelhecem sem se tornar maiores” (Han, 2006).

¹ Doutoranda em Poéticas Visuais no curso de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP, edilaine.cunha@usp.br; Este doutorado é financiado pelo CAPES.



Para além do deslocamento, são atribuídas aos meios de transporte certas qualidades que lhes conferem valor, e a velocidade é uma delas. A condição para um automóvel ser desejado como objeto de consumo, além do design e o valor de venda, é quantos quilômetros ele pode atingir por hora, mesmo que as legislações permitam trafegar muito aquém do potencial de seus motores. O automóvel, sujeito repleto de complexidades e contradições, foi objeto de pesquisa no mestrado intitulado *Dispositivos para experiências em suportes móveis*, apresentado em 2023 na Universidade de São Paulo e que deu origem a um conjunto de obras de arte.

Essas obras no campo do tridimensional e da imagem digital foram elaboradas como meios para a discussão sobre as desigualdades do uso do espaço nas grandes cidades. A partir de reflexões sobre São Paulo, com seu desenvolvimento voltado para o traçado viário e o estímulo ao transporte individual, o contexto do carro (e outros veículos) foi analisado sob o ponto de vista do lugar que ele ocupa (estradas, ruas, estacionamentos, garagens) e também sua estrutura material. Também foram combustíveis para este grupo de trabalhos as relações econômicas e sociais às quais seus usuários e a vida urbana são submetidos.

No texto e nas obras que compuseram o conjunto apresentado, foram observados diversos aspectos do automóvel, como um objeto técnico multifacetado. A obra de Milton Santos, tão cara às questões sociais relacionadas aos territórios, instrumentalizou a base teórica do trabalho, que lida com o espaço como agente, e as peças desenvolvidas como exercício de pensamento sobre a técnica. Em *A natureza do espaço*, ao analisar os objetos técnicos, Santos diz sobre o automóvel:

As cidades não seriam hoje o que elas são se o automóvel não existisse. Os homens acabam considerando o automóvel como indispensável e esse dado psicológico torna-se um dado da realidade vivida. Ilusão ou certeza, o automóvel fortalece no seu possuidor a ideia de liberdade do movimento, dando-lhe o sentimento de ganhar tempo, de não perder um minuto, nesse século da velocidade da pressa. Com o veículo individual, o homem se imagina mais plenamente realizado, assim respondendo às demandas de status e do narcisismo, característicos da era pós-moderna. O automóvel é um elemento do guarda-roupa, uma quase vestimenta. Usado na rua, parece prolongar o corpo do homem como uma prótese a mais, do mesmo modo que os outros utensílios, dentro de casa, estão ao alcance da mão.” (SANTOS, 1996)

O século da velocidade da pressa, apontado pelo geógrafo, é a ponte que une o objeto estudado no mestrado e o que veio em seguida no doutorado: a velocidade é um dos aspectos e um indício, no sentido físico e conceitual, do nosso presente.



URGE é um projeto de doutorado nas artes visuais que aborda a velocidade, a técnica e seu uso no mundo contemporâneo. A otimização de processos a que somos submetidos traz o paradoxo de ganhar tempo para perder tempo ou de perder tempo para ganhar tempo. O emprego desse excedente é o nosso desafio. Para essas problematizações, os estudos de arte, geografia, filosofia, arquitetura e urbanismo, e as reflexões decorrentes são insumos para o desenvolvimento de um novo corpo de trabalhos de arte, que inclui desenhos, vídeos, esculturas, ações e imagens digitais.

Os objetos que povoam o nosso cotidiano e auxiliam nossos afazeres, entre eletrodomésticos, *gadgets* e as máquinas que fabricam todos os artefatos que conhecemos, têm algo em comum: nos fazer economizar tempo. Desde as operações mecânicas em uma linha de produção aos aplicativos que gerenciam dados no celular, essas tecnologias atuam para otimizar nossa produtividade.

No livro *O Sistema dos Objetos*, Jean Baudrillard elabora uma catalogação para discorrer sobre os utensílios repletos de significados que nos rodeiam. A reflexão sobre os objetos do cotidiano diz muito sobre o uso da técnica para a objetivação do tempo. O autor trata do evento da velocidade como transcendência:

O movimento por si só constitui certa felicidade, mas a euforia mecanicista da velocidade vem a ser outra coisa: é fundada no imaginário, sobre o milagre do deslocamento. A mobilidade sem esforço constitui uma espécie de felicidade irreal, de suspensão da existência e de irresponsabilidade. A velocidade tem como efeito, ao integrar o espaço-tempo, reduzir o mundo a duas dimensões, uma imagem, vem ela livre de seu relevo e de seu devir, entrega-se de certo modo a uma imobilidade sublime e a uma contemplação. (BAUDRILLARD, 1968).

A velocidade da produção, a competição e a exploração do tempo vestido de empreendedorismo também são motes para as investigações propostas neste projeto, e assim, refletiremos por que estamos tão velozes e aonde queremos chegar.

O trabalho em elaboração investiga o uso da velocidade e da técnica em esferas da vida e do trabalho, sob a psicoesfera neoliberal, e como ele afeta o nosso emprego do tempo. A técnica existe muito antes da revolução industrial, desde os tempos que o humano descobriu que poderia usar suas mãos como instrumento ou friccionar duas pedras para produzir fogo. É o que interessa para esta pesquisa é a relação dos instrumentos com o tempo, do modo que vivemos hoje.



METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento deste trabalho se enreda nas teorizações da filosofia da técnica e outras ideias acerca das relações do tempo versus movimentos do mundo. As leituras a seguir são algumas das teorias para elaboração das obras:

O filósofo Paul Virilio analisa em suas obras os efeitos da velocidade na sociedade e os impactos culturais e sociais produzidos pelas novas tecnologias.

Os autores José Ortega Y Gasset, Jacques Ellul, Georges Simondon, Jean Baudrillard e Milton Santos nos introduzem, com diferentes abordagens, às filosofias da técnica no tempo e no espaço. Essas leituras nos aprofundam sobre os fazeres humanos, suas intenções e aplicações em nossa história.

O filósofo Byung Chul-Han analisa a obsessão com a produtividade e a hiperconectividade na sociedade contemporânea, que resultam em exploração e esgotamento emocional. Seus livros *A sociedade do cansaço* e *A arte da demora* nos dão um panorama sobre tais questões na atualidade e norteiam algumas visões para o futuro.

A geógrafa Silvana Silva aborda a hiperinformação e as contradições da produção de sistemas e conteúdo digital. E a geógrafa Mait Bertollo teoriza sobre a legião de brasileiros submetidos às limitações de conectividades precárias.

Desse modo, a partir das reflexões concebidas com o apoio da base teórica e com as pesquisas de campo, a execução das obras será multidisciplinar. Para o desenvolvimento das obras de arte, o desenho é um elemento essencial. Em algumas peças ele vem como elaboração e em outras como finalização. Ele pode se desvelar desde o esboço até a obra pronta, em representações figurativas. Ou ainda, dentro de um vocabulário de desenho técnico, desenvolvidos em programas vetoriais. O desenho digital ou manual também é base para as construções tridimensionais.

A imagem capturada, apropriada e modificada por meio de softwares também fazem parte de um repertório familiar nas elaborações. A fotografia digital popularizou a disseminação das imagens pelo fato de ser produzida por um aparato que é uma extensão da nossa mão, o celular. Da mesma forma, os vídeos, formato preferido para as postagens de redes sociais, estarão presentes no conjunto. O uso cotidiano dos objetos e suas funcionalidades tem muito a narrar sobre a história das práticas e a nossa relação com o mundo. Os objetos domésticos nos envolvem desde a dimensão mais íntima de habitar, como o mobiliário que sustenta o nosso corpo, até os aparelhos elétricos e eletrônicos, que, entre outras funções, têm o propósito de



otimizar o nosso tempo. Por meio de esculturas, instalações, fotografias manipuladas, desenhos e outras obras digitais, busco subverter o vocabulário que envolve esses elementos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras do conjunto *Dispositivos para experiências em suportes móveis*, originaram-se com perspectivas de explorar a estrutura física do carro e do seu entorno para ressignificar algumas ações cotidianas – e inventar outras.



Vista da exposição *Dispositivos para experiências em suportes móveis*, no Espaço das Artes, Cidade Universitária - USP, 2023. Foto: Everton Ballardin

Com a ideia de continuação do corpo e do território, as obras aqui apresentadas se formaram com combinações de prolongadores, dispositivos, aparatos, aparelhos e estruturas que inventam funções. Além disso, trazem representações gráficas acerca do tema do carro.



Vaga, 2022. Impressão em papel couché aplicada sobre parede, 220 x 440 cm. Foto: Everton Ballardin



Motivador, 2023. Madeira e metal, 98 x 9 x 4,5 cm.
Fotos: Everton Ballardin / Carin Carrer Gomes e Edilaine Cunha



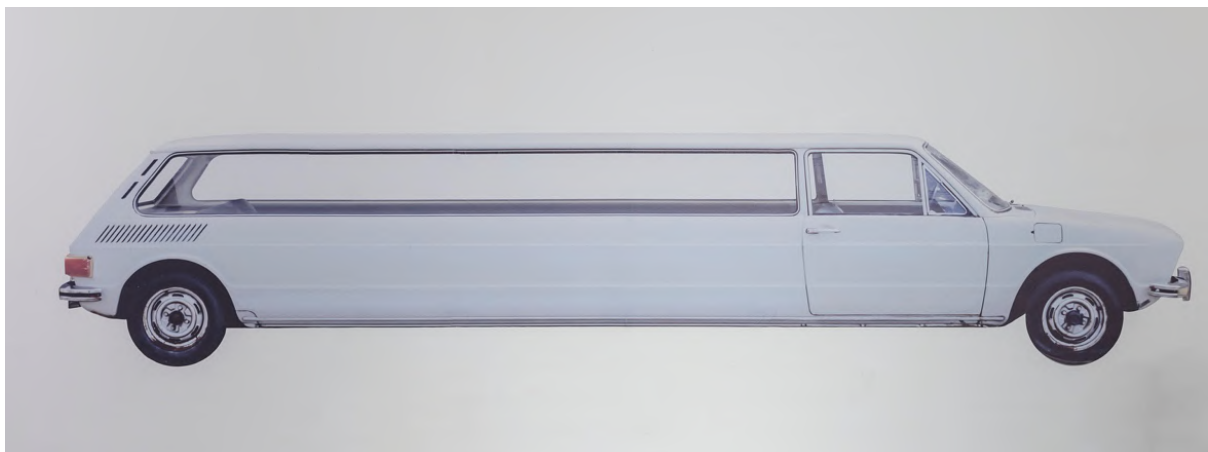
ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia



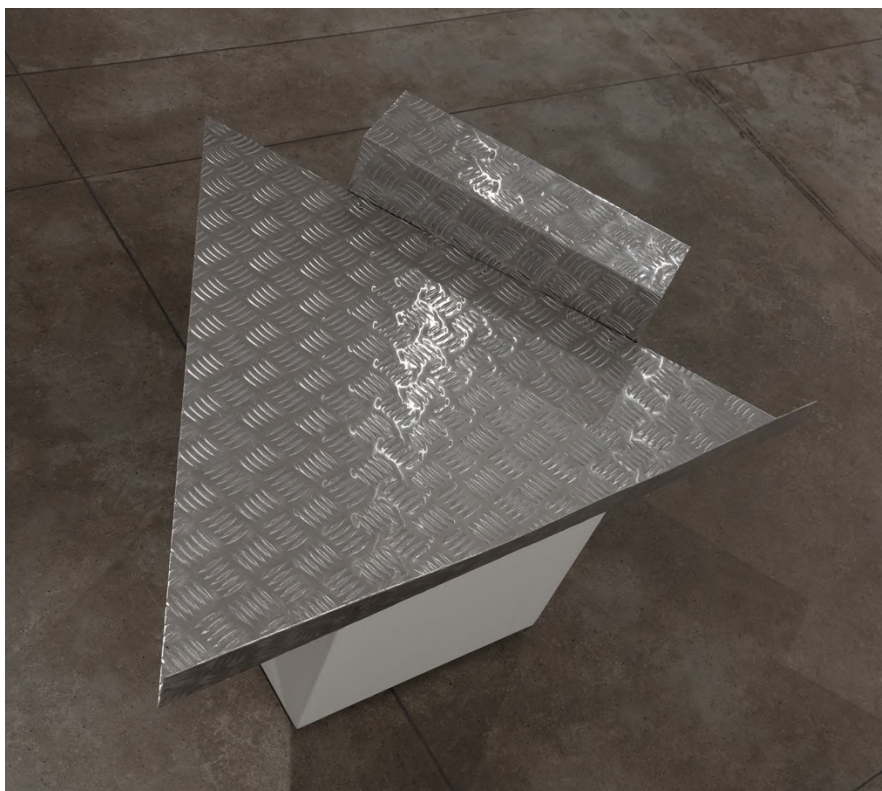
Alça, 2023. Madeira, 250 x 150 cm. Fotos: Everton Ballardin / Carin Carrer Gomes e Edilaine Cunha



Ares, 2023. Latão banhado em níquel. 11,5 x 7 x 7 cm. Foto: Everton Ballardin



Limosilia, 2023. Impressão sobre papel. 62 x 350 cm. Foto: Everton Ballardin



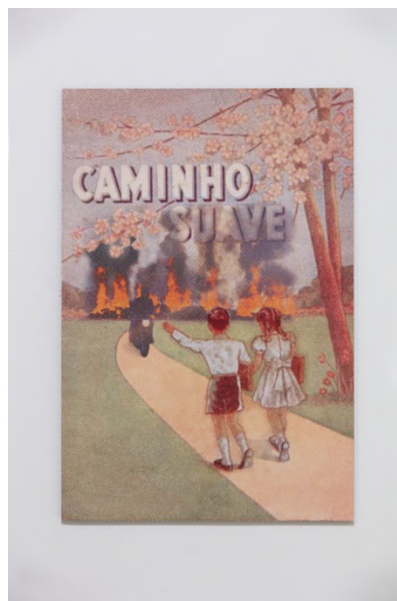
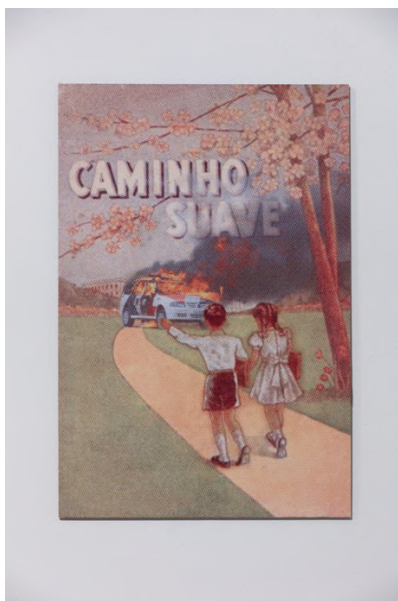
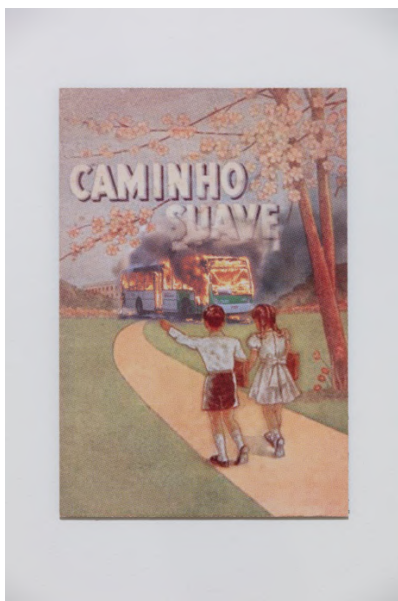
Plataforma, 2023. Alumínio, 90 x 80 x 9 cm. Fotos: Everton Ballardin / Carin Carrer Gomes e Edilaine Cunha



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia



Abraço, 2023. Tecido, madeira, banco de carro, courvin. 100 x 50 x 85 cm. Foto: Everton Ballardin



Caminho Suave 1, 2, 3. 2022. Impressão sobre papel, 41 x 27,5 cm. Fotos: Everton Ballardin



Ponto cego, 2023. Vidros de Fusca, espelhos, prateleira, 110 x 58 x 20 cm. Foto: Everton Ballardín

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento geográfico trata o espaço como agente, e essa concepção amplia a elaboração da obra de arte. Se considerarmos o espaço um elemento construtivo e vivo, superamos uma certa condição de inércia das matérias ativadas pelo entorno. Dessa forma, é possível alargar conceitos e estabelecer ricos diálogos interdisciplinares.

Na lógica do capital em que "tempo é dinheiro", estamos imersos na ideia de que a velocidade vai nos conduzir inegavelmente ao sucesso. Em A natureza do espaço, Milton Santos diz: "A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a 'sua' civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos." (SANTOS, 1999).

A experiência de estar no ENANPEGE em Macapá, veio ampliar ainda mais a percepção do tempo lento, na capital amazônica desconectada das rodovias interestaduais e tendo no transporte fluvial um modal fundamental. O tempo do barco no deslocamento pela água se opõe ao considerado progresso rodoviarista e avista outros horizontes.

A visão crítica com esperança de futuro, que nos ensinou a obra do professor Milton Santos, se soma à perspectiva trazida pela obra do artista uruguaio Joaquín Torres García,



América Invertida, de 1943, para vislumbrarmos a possibilidade de reinvenção das nossas sinuosas interpretações no “meio do mundo”, desenhados pela linha imaginária que divide as metades do globo.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

BERTOLLO, Mait. **A capilarização das redes de informação no território brasileiro pelo smartphone**. Tese de doutorado em Geografia Humana. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

CUNHA, Edilaine. **Dispositivos para experiências em suportes móveis**. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

_____. *Site pessoal*. Disponível em: <https://edilainecunha.com>. Acesso em: 3 nov. 2025.

ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro; Editora Paz e terra, 1968.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

SILVA, Silvana. Psicoesfera, neoliberalismo e plataformas digitais: reflexões sobre a cidadania territorial na era hiperinformacional. In: **Plataformas digitais e novas desigualdades socioespaciais**./ Fábio Tozi (org.). São Paulo: Editora Max Limonad, 2023.

SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Rio De Janeiro: Contraponto Editora, 2020.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **A arte do motor**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

_____. **Velocidade e política**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.